

Artigo Selecionado

Guerra Assimétrica: adaptação para o êxito militar(*)

Gen Ex Carlos Alberto Pinto Silva

1 INTRODUÇÃO

“Vivemos uma época de intenso intercâmbio econômico e cultural global, em que são improváveis as grandes guerras generalizadas, industriais de massa, de violência indiscriminada, ao estilo da Primeira e Segunda Guerra Mundial”.

Em contrapartida, vivemos, também, uma época de conflitos localizados e limitados, internacionais ou internos, nem sempre contidos no(s) país (es) onde ocorrem, envolvendo forças estatais e/ou não estatais, motivados por questões étnicas, tribais, religiosas ou apenas criminosas (criminalidade nacional e transnacional), por “integristas” nacionalistas e por contenciosos territoriais em geral herdados de maus arranjos coloniais.

Vivemos, ainda, uma época de intervenções sob mandato internacional ou unilateral, por motivos humanitários ou de segurança internacional (perturbação da ordem internacional, criminalidade transnacional etc.), em geral “turbina-dos” por outros, sobretudo econômicos, que no passado justificavam sozinhos as intervenções, mas que hoje são insuficientes para legitimá-las perante a opinião mundial e até mesmo dos países intervenientes, ao menos se democráticos. Grande número de fatores estruturais internos como pobreza, fome, carência de Justiça Social, contribuem para aumentar a desordem social e ampliam o universo de motivações para essas intervenções.

Este artigo se dispõe a analisar os conflitos assimétricos, aqui considerados uma “guerra de quarta geração”. Para tanto, a

título de ambientação, serão tecidas algumas considerações sobre as gerações da guerra, o “estado débil” e o “estado falido”.

2 AS GERAÇÕES DA GUERRA

As quatro gerações começaram com a Paz de Westphalia, em 1648, ao findar a Guerra dos Trinta Anos. Com esse tratado, o Estado estabeleceu um monopólio de guerra. Anteriormente, muitas entidades diferentes haviam combatido em guerras: famílias, tribos, religiões, cidades e empresas, usando diversos meios, não somente exércitos e marinhas. Dois desses meios, por exemplo, como a extorsão e o assassinato, estão de novo na moda.

Atualmente, entidades militares acham difícil imaginar combater uma guerra contra forças armadas que não sejam similares a elas próprias.

O fato de estarem baseados no tempo, não significa que os conceitos abordados acima deixaram de se fazer presentes na atualidade. A exemplo, podemos observar características de uma guerra de segunda geração, apresentada abaixo, em um conflito moderno.

2.1 A Primeira Geração

A Primeira Geração da guerra moderna – guerra de linha e coluna – onde as batalhas eram formais e o campo de batalha era ordenado, durou, aproximadamente, entre 1648 e 1860. A relevância da primeira geração surge do fato que o

campo de batalha ordenado criou uma cultura militar de ordem. A maioria das características que distinguem o militar do civil (uniformes, continências, graus hierárquicos etc.) são produtos da primeira geração, com a intenção de reforçar a cultura da ordem.

Já em meados do Século XIX, o ordenado campo de batalha começou a se desordenar. Exércitos concentrados, soldados motivados para a guerra (já que o objetivo do soldado do Século XVIII era desertar), mosquetes raiados e, mais tarde, armas de retrocarga e metralhadoras tornaram as táticas antigas de linha e coluna primeiro obsoletas, e logo suicidas.

O problema desde então tem sido uma crescente contradição entre a cultura militar e o aumento da desordem no campo de batalha. A cultura da ordem, que outrora foi coerente com o ambiente no qual operava, tem ficado cada vez mais incoerente com o mesmo.

2.2 A Segunda Geração

Assim, a guerra de Segunda Geração foi uma resposta ao desalinhamento observado no campo militar nos últimos decênios do século XIX. Desenvolvida pelo Exército Francês, durante e depois da I GM, a guerra de segunda geração procurou uma solução no fogo concentrado, a maior parte dele de Artilharia. O objetivo era o atrito e a doutrina resumida pelos franceses como sendo “a artilharia conquista, a infantaria ocupa”. O poder de fogo era cuidadosamente sincronizado (usando-se planos e ordens detalhados e específicos) para a Infantaria, carros de combate e Artilharia, em uma “batalha conduzida”, onde o comandante atuava, com efeito, como o regente de uma grande orquestra. A guerra de Segunda Geração atingiu seu objetivo, porque chegou trazendo um grande alívio para os soldados (ou ao

menos para os seus oficiais), uma vez que preservava a cultura da ordem no campo de batalha. O enfoque era voltado para dentro, sobre regras, processos e procedimentos, e a obediência, mais importante do que a iniciativa. De fato, a iniciativa não era bem-vinda, pois colocava a sincronização em perigo. A disciplina era vertical, hierarquizada, imposta. A guerra de Segunda Geração significava: “pôr aço no alvo”.

2.3 A Terceira Geração

Essa guerra, também um produto da I GM, foi desenvolvida pelo Exército Alemão, conhecida como blitzkrieg ou a guerra de manobra. A guerra de Terceira Geração foi baseada não no poder de fogo e no atrito, mas na velocidade, na surpresa e no deslocamento mental e físico. Taticamente, durante o ataque, o militar da Terceira Geração procura adentrar nas áreas de retaguarda do inimigo, causando-lhe o colapso da retaguarda para frente. Ao invés de “aproximar e destruir”, o lema é “passar e causar o colapso”.

Na defesa, a idéia é de atrair o inimigo para então cortar-lhe a retirada. A guerra deixa de ser um concurso de empurrar, onde as forças tentam segurar ou avançar uma linha; transforma-se em não linear. Não são apenas as táticas que mudam, mas muda, também, a cultura militar. O combatente dessa nova forma de guerrear foca exteriormente, na situação, no inimigo e no resultado exigido pela situação, e não interiormente, no processo ou na metodologia.

Durante os jogos de guerra do século XIX, oficiais subalternos alemães rotineiramente recebiam problemas que somente podiam ser resolvidos desobedecendo a ordens. Estas especificavam o resultado a ser conseguido, mas nunca o método – Auftragstaktik. A iniciativa era mais im-

portante do que a obediência (toleravam-se os erros, contanto que originados de demasiada iniciativa, ao invés de pouca). Tudo dependia da autodisciplina e não da disciplina imposta. O Kaiserheer (Exército do Kaiser) e a Wehrmacht (Forças Armadas Alemãs) faziam belos desfiles, mas na realidade haviam quebrado com a cultura da ordem.

2.4 A Quarta Geração

Características, tais como a descentralização e a iniciativa, são passadas adiante, da Terceira Geração para a Quarta, mas em outros aspectos. Ela marca a mudança mais radical desde a Paz de Westphalia. Nessa Geração de Guerra o Estado perde o monopólio sobre a guerra propriamente dita.

Em todo o mundo, militares se encontram combatendo oponentes não estatais, tais como: a Al-Qaeda, o Hamas, o Hezbollah e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, entre outros, e em quase em toda parte o Estado está sendo derrotado.

A guerra de Quarta Geração é também marcada por uma volta a um mundo de culturas, não meramente de países em conflito. Em guerras dessa natureza uma invasão de imigrantes pode ser tão perigosa quanto a invasão do exército inimigo. No seu fundamento encontra-se uma crise universal de legitimidade do Estado, e essa crise pode significar, em muitos países, a evolução da guerra de Quarta Geração em seus territórios.

Destacam-se, também, os reflexos da globalização, a facilidade das comunicações e o conhecimento como matéria-prima, moldando as atividades econômicas e financeiras, onde a propriedade de uma empresa pode estar distribuída em todo o mundo, com pouco interesse nas necessidades políticas da nação origem. Adi-

ciona-se a isto um elevado incremento na criação de novos estados todos frágeis e débeis, facilitando o aparecimento de atores não estatais. Agrega-se, por fim, o mercado financeiro internacional, colocando-os como atores poderosos e não controlados.

3 “ESTADO DÉBIL” E “ESTADO FALIDO”

A Guerra de Quarta Geração (Guerra Assimétrica) é diferente, ou não? Alguns dizem “nada mudou”. Outros reconhecem sua natureza assimétrica. Outros, ainda, acreditam que há uma diferença radical.

Após o final da Guerra Fria e o desmantelamento do sistema bipolar, novos atores apareceram no cenário internacional. São organizações que ocupam o vácuo de poder que o Estado não pôde cobrir. As máfias locais, os senhores da guerra, movimentos separatistas, as organizações terroristas e o crime organizado, buscaram desenvolver sua influência à margem do Estado. Estes grupos, mais ou menos organizados e coordenados, tratam de diluir-se e confundir-se no meio da população civil local, chegando, em alguns casos, a controlar o próprio Estado.

Tradicionalmente, preocupava aos dirigentes dos países a acumulação de poder nas mãos de outros. Desde a queda do Muro de Berlim, esses mesmos governos começaram a preocupar-se mais com a ausência de poder do que com a sua acumulação nas mãos de outros. Nasceram os termos “Estado Débil” e “Estado Falido”.

“Estado Débil” é aquele em que o governo central tem pouco controle prático sobre o seu território. “Estado Falido” é o “Estado Débil” que não exerce um governo efetivo dentro de suas fronteiras. Uma

das características de um “Estado Falido” é o desmoronamento das Instituições de Estado, especialmente Forças Armadas, Forças de Segurança Pública e Poder Judiciário.

Um Estado “exitoso” mantém o monopólio do uso legítimo da força dentro do seu território. Contudo, alguns regimes carecem de autoridade para tomar decisões ou de capacidade para garantir um mínimo necessário de segurança e serviços sociais, como educação, saúde e justiça. O Estado não funciona, mas também não deixa de existir, as funções que devia exercer se privatizam e outros atores passam a desempenhá-las.

Potencialmente, um “Estado Falido” ou “Débil” é capaz de desestabilizar uma região inteira. Nele florescem fanatismos religiosos, tribais ou étnicos; serve de refúgio a organizações terroristas e criminosos. A multiplicação de forças não estatais, à margem da lei, os diferentes interesses enfrentados, a ingerência de outros Estados, tratando de ampliar sua área de influência, e o colapso dos serviços de Estado, degeneram, sem lugar a dúvidas, em um conflito assimétrico.

Os atuais possíveis cenários de atuação das Forças Armadas são muito diferentes dos habituais até a década passada, quando a participação em operações de paz constituía uma hipótese pouco provável em relação à realidade da Guerra Fria.

Resumindo: novos cenários; novos adversários; novas tecnologias; exércitos orgulhados em profundos processos de adaptação (situação habitual a todos os Exércitos). A mudança é substancial na natureza dos conflitos e deve, portanto, ser também nas Forças Armadas.

Em um provável cenário na América do Sul, enfrenta-se a possibilidade do surgimento de novas potências regionais,

que podem recorrer a uma preocupante combinação de capacidades convencionais: armas de destruição em massa, agressiva manipulação de informação pública e ameaça de um devastador conflito assimétrico (modo diferente de fazer a guerra).

Não é mais suficiente a Vontade Nacional para se ganhar uma guerra, é necessário que os Chefes Militares apresentem aos políticos e à sociedade uma correta estimativa das possibilidades estratégicas de sua Força. Eles são os responsáveis por avaliar a possibilidade de êxito ao aplicar a força, após estimar os meios necessários e a forma de empregá-los. Se o político deseja um final para o qual os meios que proporciona às Forças Armadas, através do controle do orçamento, são insuficientes, o Chefe Militar é o responsável por advertir ao governo de sua incongruência, ou então compartilhar da culpa pelo resultado desastroso (derrota).

Talvez o erro mais grave que esse Chefe possa cometer na atual conjuntura é supor, sem uma grande reflexão, que as guerras do futuro serão como as do passado. Há necessidade de usar a inteligência criativa para vislumbrar os futuros conflitos e a coragem moral de assessorar os políticos sobre a necessidade do preparo da Força em condições de assegurar segurança ao Estado Brasileiro.

4 ADAPTAÇÃO PARA O ÊXITO MILITAR

“Evidencia-se a necessidade de dispor de capacidade para dar respostas rápidas e convincentes aos problemas que possam exigir ou recomendar a ação militar brasileira, ao menos no seu teatro geoestratégico fundamental. O atendimento desse quesito depende de vir a ser o Brasil dotado da estatura estratégica que lhe

deve corresponder. Para que isso ocorra – mas não vem ocorrendo –, além do preparo destinado à missão militar clássica, nela incluída a capacidade de dissuadir aventuras hostis mediante indicação de riscos bastante significativos para quem pretenda praticá-las, há que considerar também o preparo para o enfrentamento das ameaças irregulares, inclusive a do terrorismo, a que o Brasil se expõe na proporção do crescimento de seus interesses e atividades, eventualmente geradores de contrariedades”. (CEPE / EGN, 29 de maio de 2007).

“Os EUA procuram caracterizar o tráfico de drogas do continente como “a ameaça” – esta é minha percepção – provavelmente uma prioridade, escolhida para substituir o comunismo como a nova ameaça continental. Agressões ao meio ambiente e o risco de proliferação de armas de destruição em massa são as outras. Poder-se-ia acrescentar o perigo da imigração ilegal como ameaça para o nível de emprego e a estabilidade social no país.

Por outro lado, as ameaças, tal como são interpretadas segundo ótica latino-americana, estão muito mais relacionadas com a fragilidade de nascentes democracias, que decorre de: baixos indicadores sociais, desempenho econômico irregular, carências educacionais, crescentes índices de criminalidade em áreas urbanas superhabitadas, dívida externa, terrorismo, subversão, corrupção e imigração para áreas inexploradas, onde a ocupação descontrolada pode resultar em instabilidade sócio-econômica e deterioração ambiental”. (Gen Div Gleuber Vieira).

4.1 Guerra Assimétrica

Não é somente a guerra do fraco contra o forte: é a introdução de um elemento de ruptura, tecnológico, estratégico

ou tático, um elemento que muda a idéia preconcebida; é a utilização de um ponto fraco do adversário. Não existe, pois, conflito armado assimétrico somente pela desigualdade entre os adversários, senão quando os adversários adotam formas de combate diferentes em sua concepção e desenvolvimento.

Em termos operacionais, então, a assimetria (entendida como desbalanceamento) “deriva-se de uma força empregando novas capacidades, que o oponente não percebe, nem compreende, nem espera: capacidades convencionais que sobrepujam as do adversário ou que representem novos métodos de ataque e defesa”.

É a guerra da infantaria realmente leve, que pode se mover para mais longe e mais rapidamente por terra que o inimigo; que tenha um repertório tático completo (não apenas manter o contato e solicitar apoio de fogo); que possa lutar com suas próprias armas (ao invés de depender de armas de apoio) e que se mantenha com o mínimo de apoio logístico.

A convicção moral e a eficiência militar convencional, sozinhas, não nos permitirão compreender e combater a ameaça que ataca a sociedade e as suas estruturas operacionais. Portanto, é essencial uma definição diferente de nível de adestramento e unidades, com pessoal treinado e equipado para adaptação a novas tarefas operacionais inopinadas.

Derrotar estas novas ameaças exige a adequação de nossos sistemas decisórios para operações e a reorganização de nossas estruturas para as necessidades da Inteligência (obtenção e consolidação). Requer equipes híbridas de pensadores, cientistas e profissionais militares escolhidos, trabalhando juntos sob pressão. Depende de combinar a atuação das diversas agências de inteligência, com acesso ao

ambiente operacional, considerando isto como assunto de interesse nacional.

“A Guerra de Quarta Geração (4GW) exige muito mais inteligência, análise e maior capacidade de disseminação para servir a um sistema de comando altamente flexível. Ela engloba elementos de gerações de guerra anteriores; tal fato exige que nossas forças estejam preparadas para lidar com mais esse aspecto. Neste sentido, é fundamental que os líderes façam uma análise apurada da guerra que estão prestes a entrar. Esta complexa mistura de gerações de guerras e a sobreposição de suas arenas políticas, econômicas, sociais, militares e de meios de massa dificultam, mais do que nunca, a determinação do tipo de guerra que estamos entrando” (Cel T.X. Hammes, USMC, “The Evolution of War: The Fourth Generation”)

4.2 Reflexões sobre o emprego da Força Terrestre na Guerra Assimétrica

1) Não existe inimigo “emassado”, contra o qual possamos aplicar todo o poder de combate que a Força Terrestre (FTer) pode dispor. A FTer não poderá ser empregada para romper um inexistente desdobramento inimigo, destruir ou neutralizar forças inimigas dispersas ou dominar um terreno-chave sem objetivos materializados em um determinado espaço geográfico.

2) O emprego do fogo em massa, ou a ação contundente, rápida e profunda das formações blindadas perdem protagonismo.

3) A atuação da FTer será fundamental na luta contra um inimigo que empregue o procedimento do tipo guerrilha; contudo contra a subversão e o terrorismo seu papel haverá de ser de apoio às atividades das Forças de Segurança Pública.

4) Devemos considerar a possibilidade de que a FTer, além de ter as capacidades militares clássicas, deve adquirir outras, mais “civis”, que a permita adaptar-se à conjuntura da Guerra de Quarta Geração ou Assimétrica.

5) Na conjuntura da Guerra de Quarta Geração ou Assimétrica, trata-se de resolver situações sociais e culturais complexas, em um ambiente hostil, as quais requerem uma preparação e métodos de execução diferentes dos que tradicionalmente têm sido empregados.

6) Combate e Manobra

- Isolar o inimigo eletrônica e fisicamente.
- Realizar patrulhas, infiltrações, emboscadas, cercos etc.
- Máximo protagonismo de armas inteligentes de precisão.

7) Defesa Aérea

- A utilização pelos terroristas de aeronaves (e mísseis) que explodem contra um objetivo de alto valor psicológico, nos leva à necessidade de estabelecer normas para Defesa Aérea que estabeleçam as formas de localização, acompanhamento, controle e, se for o caso, derrubada dessas armas.

8) Apoio de Fogo

- No combate assimétrico, as ações de fogo haverão de ser: de precisão, seletivas, e, fundamentalmente, efetuadas de plataformas aéreas, tripuladas ou não, utilizando projéteis guiados.

9) Inteligência de Combate

- Potencializar todos os órgãos de informações, tanto civis como militares, com maior protagonismo da contra-inteligência, inteligência cultural e atividades de obtenção através de fontes humanas e de sinais.

10) Comunicações

- Com três componentes: Informações Públicas, Operações Psicológicas e Comando e Controle.
- Guerra Eletrônica
- Segurança das Comunicações
- Dissimulação

11) Mobilidade, contramobilidade e proteção

- As atividades associadas à mobilidade, contramobilidade e proteção têm escassas possibilidades de emprego no conflito assimétrico. Assim, as ações se concentram, fundamentalmente, no flanqueamento de obstáculos, constituídos por massas de minas em pontos de passagem obrigatórios e em zonas semeadas por armadilhas explosivas, e no desbloqueio de ruas, pontes, túneis etc.
- O trabalho da FTER não será normalmente em apoio a sua própria manobra, senão em benefício da população civil mediante a construção e reconstrução da infra-estrutura danificada ou destruída pela ação do inimigo.

5 CONCLUSÃO

O Exército deverá antecipar os prováveis conflitos do milênio, por meio de análise de trabalhos publicados e de estudos prospectivos. Em função desses prováveis conflitos – tipologia e características – serão estabelecidas e desenvolvidas as doutrinas e as tecnologias pertinentes.

A preparação para a defesa da soberania deve receber a mais alta prioridade, mesmo que, dentro das hipóteses consideradas, seja estimada como remota, pois a eficiência alcançada é a base para o desenvolvimento de qualquer outra preparação específica.

As missões de combate, tal como estão concebidas, não garantem o êxito das

operações em um conflito assimétrico. Conflitos assimétricos passarão a ser a norma e não a exceção.

Na Guerra de Quarta Geração, o Estado perde o monopólio sobre a guerra. Em todo o mundo os militares se encontram combatendo oponentes não estatais. Quase em toda a parte o Estado está perdendo.

Para o nosso Exército, a Guerra de Quarta Geração ou Assimétrica representa duas vertentes importantes: como protagonista, desenvolvendo essa Guerra enquanto Força de Resistência, ou como uma Força Convencional, combatendo uma Força que empregue este tipo de ação militar. Para estas duas opções se faz necessária a devida preparação, aí incluída a Doutrina que nos orientará para o preparo e o emprego de nossas Forças.

Temos ainda que pensar na adaptação desses conceitos para a nossa realidade. Podemos analisar sob este prisma ações possíveis em áreas internas de nosso país, onde, seja pela forma de operar ou pelos meios de combate utilizados, as Forças de Segurança Pública não tenham capacidade de vencer. Ou, ainda, as Operações de Paz, nas quais o Brasil, por seus objetivos de Política Externa, está cada vez mais envolvido e comprometido, e que geram, para o campo militar, possibilidades de emprego em ambientes operacionais desconhecidos e de enfrentamento com inimigos dos quais não se tem nenhuma informação antecipada.

“As forças lutam como são adestradas”.

A doutrina deve: preparar as forças singulares com uma atitude pronta para lidar eficaz e rapidamente com a incerteza; possuir um conceito operacional que inclua mais do que guerra convencional; e tratar a assimetria como uma via de dois

sentidos. A assimetria nada mais é do que mudar o nível de incerteza, ou de surpresa, para um novo nível que envolve estilos, meios e até fins. Todos os conflitos assimétricos exibem uma grande disparidade de vontade.

Toda a força militar competente se adapta.

A adaptação é crítica para o êxito militar, uma vez que a guerra, assimétrica ou não, trata com a incerteza. Fazer mudanças em técnicas e procedimentos para que sejam eficazes em toda a força exige experimentação, treinamento e disseminação. Essas ações são partes da natureza adaptável do combate.

Não devemos reescrever a Doutrina do Exército, apenas adaptar suas Forças para executarem a doutrina de novas maneiras.

() Este artigo é um extrato adaptado para publicação neste periódico de três textos do mesmo autor: “Guerra assimétrica: adaptação para o êxito militar”; “As gerações da guerra”; e “Conflitos assimétricos: ‘Estado débil’ e ‘Estado falido’”.*

O autor é General-de-Exército do Exército Brasileiro. Graduado pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e doutorado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Atualmente é o Comandante de Operações Terrestres (COTER).